

JORGE AMADO E A LITERATURA PÓS-ESTRUTURALISTA: A RELEVÂNCIA SOCIOCULTURAL E O RECONHECIMENTO DE UM TÍTULO HONORÍFICO RELIGIOSO DENOMINADO OBÁ DE XANGÔ

JORGE AMADO AND POST- STRUCTURALIST LITERATURE: THE SOCIOCULTURAL RELEVANCE AND THE RECOGNITION OF AN HONORARY RELIGIOUS TITLE CALLED OBÁ DE XANGÔ

Marcelo Barbosa dos Santos 1
Rubra Pereira de Araujo 2

Resumo: O trabalho resulta de pesquisas realizadas no último biênio no PPGLETRAS/UFT. Aborda a leitura como um ato de interpolação e indução que propõe a formação/recuperação intelectual do ser humano. Fato que torna a literatura um “grito” de liberdade e de denúncia social das injustiças sofridas por aqueles que se encontram em situação de maior vulnerabilidade. Nesse sentido, essa escritura é aquela que combate por meio das palavras tais injustiças, tornando-se um direito básico e essencial ao homem, isto é, um direito humano inalienável. É por isso, que o objetivo deste artigo é pensar sobre a literatura numa visão pós-estruturalista por meio das temáticas abordadas (oralidade, espaços, religiosidades, etc.) em algumas produções literárias – que estão além da visão sacra e canônica do que é literatura para Jorge Amado: um dos maiores escritores baianos e brasileiros de todos os tempos e bastante comprometido com o seu povo e sua cultura.

Palavras-chaves: Literatura Pós-Estruturalista. Direito Humano. Denúncia Social. Religiosidades. Jorge Amado.

Abstract: The study results from research that we have been doing in the last biennium at PPGLETRAS / UFT. It approaches reading as an act of interpolation and induction that proposes the formation / intellectual recovery of the human being. A fact that makes literature a “cry” for freedom and social denunciation of the injustices suffered by those who are in a situation of greater vulnerability. In this sense, it is the one that combats such injustices through words, becoming a basic and essential right to man, that is, a human right. That is why, the main objective of this article is to think about literature in a post-structuralist view through the themes addressed (orality, spaceous, religiosities, etc.) in some literary productions - which are far beyond the sacred and canonical view of Jorge Amado's literature: one of the greatest Baiano (from Bahia) Brazilian writers of all time and very committed with his people and culture.

Keywords: Post-Structuralist Literature. Human Right. Social Denunciation. Religiosities. Jorge Amado.

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. 1
Especialização em Letras: Português e Literatura pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ, Graduação em Letras – Português/Literaturas de Língua Portuguesa, pela Faculdade TECSOMA, em Pedagogia pela Universidade Paulista – UNIP e em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. Atua na Linha de Pesquisa: literatura, crítica e comparatismo com foco interseccional entre Literatura e Religiosidades. Atualmente pesquisa a tradição oral na obra de Jorge Amado. É professor efetivo da rede pública do município de Palmas – TO. Lattes id: <http://lattes.cnpq.br/2148585998818491>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8155-8406>.
E-mail: professormarcelobarbosa@gmail.com

Doutora e Mestra em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela UFT. 2
Professora doutora da Universidade Federal do Tocantins e coordenadora do Programa de Residência Pedagógica do curso de graduação em Letras, atua também na Pós-Graduação com pesquisas voltadas para o ensino em uma perspectiva de currículo pós-estruturalista e suas interfaces com a educação e sociedade.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2936005889164546>.
E-mail: rubraaraujo@mail.uft.edu.br

Introdução

O presente estudo tem por objetivo discutir sobre a literatura numa visão pós-estruturalista. Para compor essa discussão, apresentamos o pensamento de alguns autores críticos como Sartre (2004), Cândido (1995), Eagleton (2006) e Jouve (2012). Em seguida, exemplificamos os pressupostos dessa nova teoria literária, discutida por esses teóricos, por meio de temáticas abordadas em algumas produções literárias de Jorge Amado (1912-2001), um dos maiores escritores baianos e brasileiros de todos os tempos.

Identificamos que a sua produção literária está muito além da visão sacra e canônica sobre literatura, pois segundo Aguiar (2018), ele se dedicava a abordar assuntos que envolviam os sujeitos de maior vulnerabilidade social, dedicando-se, por exemplo, a uma forte luta contra a discriminação racial. Por isso, estava imerso na religião dos negros, isto é, no candomblé, porque via nela uma grande força de caráter revolucionário na luta contra o racismo, e não, por ser um religioso, pois dizia ser um materialista dedicado a apresentar a mestiçagem como característica do povo brasileiro (AGUIAR, 2018).

Como grande ativista cultural, soube defender e lutar a favor dos esquecidos e marginalizados pela sociedade. Essa sua luta, além de ser composta pelo respeito aos dogmas religiosos e ser antirracista, é perpassada, também, pela valorização da oralidade e da cultura popular que ganham espaço em suas obras literárias. Nelas, ele destaca os espaços e os cenários que visitou para “transformá-los” em “pano de fundo” para as cenas descritas em suas narrativas.

Assim, para compor os enredos de suas narrativas, se inseriu e representou o lugar de fala desses indivíduos esquecidos pela sociedade. Fato que contribuiu para a formação e composição de sua identidade, chegando a se tornar, segundo Aguiar (2018), uma espécie de ministro, ou seja, um representante ou protetor vitalício do povo do candomblé – que lhe conferiu o “título honorífico” de Obá de Xangô, que para o próprio Jorge Amado, é alguém que o povo respeita e ama “com intimidade e sem submissão”, isto é, é o chefe, o mestre, é o título mais alto, o posto civil mais importante da hierarquia do candomblé, das religiões afro-brasileiras, pois a sua tarefa, enquanto ocupante desse cargo, era levar médico, preparar os funerais importantes no terreiro e providenciar escolas aos filhos (de sangue e de santo) da lalorixá (mãe de santo).

A literatura como um direito humano

Segundo Jouve (2012), no século XVI, a literatura designava a cultura, a erudição, ou seja, a cultura do letrado. Por isso, ter literatura era sinônimo de possuir conhecimento e saber. Já no século XVIII, para esse autor, com a emergência de gêneros considerados “vulgares”, como o romance, por exemplo, houve a necessidade de designar a arte de escrever e os olhares se voltaram para o vocábulo literatura, que engloba tanto as obras de vocação intelectual quanto os textos de dimensão estética.

Dessa maneira, Jouve (2012) ressalta que todo texto (ficção, científico, filosófico, etc.) que se reconheça um valor pertence à literatura – termo que indica que são as obras e não os homens que pertencem a uma elite. A partir do século XIX, esse autor ressalta que a Literatura passou a designar uma vocação estética, produções de ideias “intelectuais” e de “patrimônio cultural”. Aqui, são notados dois regimes de literariedade em que as obras são encaixadas. O primeiro (constitutivo) é quando o texto literário respeita as normas de um determinado gênero e o segundo (condicional), o texto é literário por ser apreciado de uma maneira estética subjetiva (JOUVE, 2012).

Assim, segundo Sartre (2004), pensar: para que, para quem e por que escrever nos permite estabelecer um conceito sobre a Literatura. Haja vista, que ela é a arte da criação no campo literário, pois de acordo com Sartre (2004, p. 39) “uma vez que a criação só pode encontrar sua realização final na leitura, uma vez que o artista deve confiar a outrem a tarefa de completar aquilo que iniciou, uma vez que é só através da consciência do leitor que ele pode perceber-se como essencial à sua obra, toda obra literária é um apelo”. E esse apelo é dirigido ao leitor por meio da escrita de um criador-autor que se tornará, segundo esse escritor, uma leitura criativa ou dirigida carregada de subjetividade que é a substância do leitor que utilizará

da imaginação para dar “vida” e continuidade à obra de seu criador.

A leitura é um sonho livre. De modo que todos os sentimentos que se agitam no campo dessa crença imaginária são como modulações particulares da minha liberdade; (...) a leitura é um exercício de generosidade; e aquilo que o escritor pede ao leitor não é a aplicação de uma liberdade abstrata, mas a doação de toda a sua pessoa, com suas paixões, suas prevenções, suas simpatias, seu temperamento sexual, sua escala de valores. Somente essa pessoa se entregará com generosidade; (...) o homem que lê se eleva ao plano mais alto. (SARTRE, 2004, p. 42).

Segundo Sartre (2004), o autor solicita que a liberdade do leitor respeite e valorize a sua liberdade enquanto criador-escritor, pois, dessa maneira, a sua obra existirá. Também exige que esses leitores juntamente com suas liberdades solicitem que o autor utilize da sua imaginação perceptiva para continuar produzindo e criando obras inovadoras que discutam temas/ assuntos contemporâneos que são considerados tabus para autores tradicionais e arcaicos.

Ao fazerem isso, estarão retribuindo a confiança depositada neles e dando espaço para o surgimento de novas ideias no campo da criação artística e literária. Haja vista que, “a leitura é indução, interpolação, extrapolação, e o fundamento dessas atividades repousa na vontade do autor, [pois ela] é um pacto de generosidade entre o autor e o leitor” (SARTRE, 2004, p. 45-46).

É somente pela leitura que a recuperação do ser será realizada, pois para Sartre (2004, p. 47) “cada livro é uma recuperação da totalidade do ser; cada um deles apresenta essa totalidade à liberdade do espectador” que é um dos grandes objetivos da arte: “recuperar o mundo” por meio da “alegria estética” que é direcionada ao leitor através da leitura que a cria esteticamente e que retorna interiorizando e resgatando o lado criativo desse leitor, que também pode ser autor, para criar outras obras com o intuito de denunciar as injustiças sociais, para dar um grande “grito” de liberdade às pressões impostas por opressores que querem impor um manual ou uma forma/fôrma para se produzir e escrever diversos tipos de textos (SARTRE, 2004).

A literatura é como o ato de escrever que “é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor” (SARTRE, 2004, p. 50). É fazer com que o leitor, segundo esse escritor, perceba a indignação do autor perante tais questões de injustiça que perpassam o mundo e influenciá-lo de maneira que corresponda a sua admiração pelo autor sentindo, também, a indignação sentida por ele.

A literatura existe para que o homem deseje a sua liberdade. Liberdade de escrever, de pensar, raciocinar, questionar e discutir assuntos existentes nesse mundo real e os não existentes, a olho nu, para os incrédulos. A literatura é livre. É a escrita libertada onde o autor tem contato com seus possíveis (futuros) leitores, *in loco*, e relata por meio do código escrito assuntos e/ou fatos vivenciados por esses leitores marginalizados e excluídos socialmente.

Por isso, pensamos na literatura como ato de liberdade, pois é aquela em que o escritor visita os cenários reais e a partir deles constrói suas histórias fictícias que denunciam as injustiças sociais. Assim, a literatura é denúncia social, é um “grito” de liberdade que exige igualdade às inúmeras classes. Essa igualdade, infelizmente, está longe de acontecer no cenário físico real. Por isso, ela ganha voz por meio de muitos autores no universo literário.

Então, a literatura é aquela que pratica o ofício de escrever por meio de diferentes gêneros literários, pois Sartre (2004, p. 67) “considera a leitura e a escrita como direitos do homem e, ao mesmo tempo, como meios de se comunicar com o outro, quase tão naturais e espontâneos como a linguagem oral”.

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e

denúncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995, p. 175).

Neste sentido, a literatura tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos, isto é, precisa ser vista como um direito básico e essencial ao homem. À medida que nos tornamos abertos às questões da sociedade, a humanidade é mais desenvolvida em nosso ser, pois ela nos ajuda a nos colocarmos no lugar do nosso semelhante, no lugar da população excluída que foi esquecida pelos literatos arcaicos. Sendo lembrada, apenas, no momento da criação de personagens caricatos, cômicos e sem valor. Dessa maneira, a literatura torna-se um direito humano, porque ela é uma grande manifestação democrática.

Pensando assim, nenhum homem pode estar vivo sem ela, sem estar em contato com alguma produção ficcional, porque a literatura nos torna mais humanos nos ajudando a organizar os nossos sentimentos e a nossa visão de mundo, porque, hoje, tais comunidades consideradas esquecidas e marginalizadas que antes assumiam papéis fictícios em obras literárias, assumem papéis de protagonistas em diversos conteúdos literários.

Como exemplo, citamos as produções literárias de Jorge Amado que está muito além da visão sacra e canônica do que é literatura, pois ele ilustra com inúmeros detalhes a presença maciça de uma sociedade considerada marginalizada, esquecida e injustiçada socialmente, enveredando, também, por questões populares como a religiosidade.

Em torno da obra de Jorge Amado, (...), os críticos, (...) em primeiro lugar, são unânimes em afirmar que a obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) aponta a mudança temática na produção literária do autor. (...) Em segundo lugar, a crítica considera o engajamento político ideológico uma característica marcante da criação de Jorge Amado. (CARVALHO, 2013, p. 09)

Essas personalidades fictícias criadas por Jorge Amado tornam-se grandes exemplos de luta, de garra e força do povo brasileiro esquecido pela comunidade erudita, detentora de todo o poder econômico, político e social do país. “É inegável em sua obra a preocupação em dar voz aos espoliados, colocando em discussão questões de gênero, etnia e religião, assim como a valorização da mestiçagem” (CARVALHO, 2013, p. 09).

Segundo Lucas (1997), sobre esse engajamento social, a obra amadiana é extremamente polifônica porque reúne ou reagrupa inúmeras proposições e reivindicações existentes na sociedade. Afirma, ainda, que é um grande projeto de identidade nacional brasileira que veio se construindo desde a literatura árcade mineira, passando pelo romantismo que, por sua vez, inspirou o realismo literário e teve uma interrupção com o movimento da escola literária denominada de modernismo.

Jorge Amado vem corroborar com as afirmações de Sartre a respeito de que os autores devem saber para que, para quem e por que escrever, pois ele tomou para si esse engajamento social presente em sua vasta produção literária. Assim, a sua produção literária passou a ser um verdadeiro ato de escrever, tornando-se uma forte aliada dos leitores que perceberam a sua indignação, enquanto autor, diante de todas as injustiças sociais vivenciadas por eles.

Nesse sentido, a sua literatura tornou-se um verdadeiro ato de revolução literária, um “grito” de liberdade para que os homens – que almejam “parar de lutar para sobreviver, pois [querem] viver colaborando com esse país da melhor maneira que podem” (informação verbal)¹– possam se sentir livres contribuindo com toda a formação cultural desse país, como se sentiram quando foram desacorrentados das correntes que os prendiam nos porões dos navios quando vieram traficados clandestinamente de suas terras ancestrais para contribuir, de maneira escrava, com “o seu suor, o seu sangue e suas lágrimas” (informação verbal)². Contudo, é de se lamentar que, ainda, existam homens de todas as etnias, dogmas e instruções

1 Fala da cantora brasileira baiana: Margareth Menezes, durante a realização de seu show no festival de verão de Salvador - BA, em 05/02/2006.

2 Frase do líder britânico da 2ª guerra, Winston Churchill (1874–1965), pronunciada pela cantora baiana brasileira: Margareth Menezes, durante a realização de seu show no festival de verão de Salvador - BA, em 05/02/2006.

acadêmicas que permaneçam “acorrentados” à intolerância religiosa, sexual e racial.

O Espaço e a Oralidade do povo baiano na produção literária de Jorge Amado

Viana (2009) atribui a Jorge Amado um amor lírico ao seu senso poético que o faz voltar à sua terra natal por meio da valorização do povo baiano. Essa valorização é notada quando o escritor transporta para sua obra: personagens, hábitos, oralidades, costumes, compreensão dos sentimentos e aspirações da população. Em sua obra, segundo Viana, não existe racismo e nem quaisquer preconceitos discriminatórios, pois nela há harmonia e união entre todos aqueles que lutam pela mesma causa. Por isso, Jorge Amado ama o povo de sua terra, porque trazem a essência da liberdade e da humanidade. Dessa maneira,

Jorge Amado revela-se um homem culto, um escritor com sensibilidade aguçada, um crítico que procurava denunciar os problemas sociais que norteavam a sociedade da época, despreocupando-se com o rigor formal da linguagem literária, trazendo a oralidade para suas páginas. Ao longo da sua produção literária esse autor procura reelaborar através de recortes espaciais uma feição de referência ao Nordeste e, principalmente à Bahia. Assume, assim um papel importante na representação do espaço sócio-histórico que é delimitado pelo próprio escritor como o espaço por excelência chamado Bahia, terra da felicidade e da liberdade. (VIANA, 2009, p. 02)

Segundo Jouve (2012), todo romance é uma obra de arte, uma obra literária que tem a necessidade de atualizar seu sistema linguístico em que está inscrito. Nesse sentido, ao trazer a oralidade para seus romances, Câmara (2013) afirma que Jorge Amado emprestou a sua voz para o povo contar suas histórias, costumes e tradições.

A expressão “voz” é utilizada por Câmara (2013), porque quando as palavras de Amado são pronunciadas, a sensação é de que estamos ouvindo um contador de histórias. Por isso, nos dizeres desse pesquisador, os causos contados por Jorge Amado exigem um auditório, que substitua diretamente o leitor, para escutar de sua própria boca, as suas narrativas carregadas de verbos no imperativo com o intuito de chamar/despertar a atenção dos ouvintes/leitores para ouvi-lo.

Agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia. Os velhos marinheiros que remendam velas, os mestres de saveiros, os pretos tatuados, os malandros sabem essas histórias e essas canções. Eu as ouvi nas noites de lua no cais do mercado, nas feiras, nos pequenos portos do Recôncavo, junto aos enormes navios suecos nas pontes de Ilhéus. O povo de Iemanjá tem muito que contar. Vinde ouvir essas histórias e essas canções. Vinde ouvir a história de Guma e de Lívia que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e, dificilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando esse homem ama essas histórias e essas canções e vai às festas de dona Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem. (AMADO, 2012, p. 07)

Há uma publicação de Câmara (2013) que afirma que Jorge Amado sempre dizia que era um “contador de histórias” quando a crítica tentava classificar sua literatura ou identificá-la em um estilo ou escola literária. Mas, segundo esse pesquisador, para localizar ou identificar esse “contador de histórias” é importante colocar as narrativas em um ambiente de oralidade, como um auditório e encontrar elementos da tradição oral que perpassam a obra de Amado.

Dessa maneira, Câmara (2013) ressalta que o fato de Amado estar integrado ao Nordeste brasileiro é fator determinante para associar a sua obra popular à oralidade, isto é, associar seu estilo ou maneira de contar histórias a elementos orais presentes na cultura nordestina, cuja tradição oral destaca uma infinidade de características orais. Por isso, Câmara (2013, p. 96) diz que Jorge Amado “utiliza a linguagem da tradição oral para tingir sua obra de ‘literatura popular’”.

Ao contar suas histórias, Jorge Amado descreve a forma de vida de toda a região da Bahia – que é o tema central de sua obra, ou seja, a cultura baiana, e o contexto sociocultural como fio condutor de seus romances (CÂMARA, 2013). Como exemplo dessa oralidade temos as cantigas populares, cantadas pelo velho Francisco³, presentes na obra *Mar Morto* (1936), no capítulo: *Acalanto de Rosa Palmeirão*: “Se de dia era valente, / Valente como ela só... / De noite era diferente. / Dos homens ela tinha dó...” (AMADO, 2012, p. 54).

Identificamos outro exemplo de oralidade presente na escrita de Jorge Amado ao narrar as histórias de assombrações e de escravidão contadas por Luíza – tia de Antônio Balduino, o Baldo, personagem protagonista da obra: *Jubiabá* (1935), no capítulo: *Infância Remota*: “Leitores que caso horrível / vou aqui vos relatar / me faz o corpo tremer e / os cabelos arrepiar / pois nunca pensei no mundo / existisse um ente imundo / capaz de seus pais matar” (AMADO, 2008, p. 19).

Conforme vimos, a marca da oralidade aproxima a obra de Jorge Amado de elementos da tradição oral; pois, segundo o narrador de 3ª pessoa, a história contada no parágrafo acima, pela tia de Baldo, tratava-se de uma história noticiada pelos jornais. História que foi apropriada e rimada por um poeta popular, autor de abc e de sambas com o intuito de vendê-la no mercado por alguns níqueis.

Mas, a obra desse grande contador de histórias não apresenta, somente, marcas da oralidade. Conforme afirma Duarte (1996), ela, também, trata de questões raciais, defende o respeito às diferenças étnicas e traz à tona, elementos da cultura popular: como a culinária afro-brasileira originária do candomblé, a capoeira e a dança. Além de destacar o uso de atabaques que contribuíram como elementos de percussão para enriquecer a música popular brasileira. Todos esses componentes da cultura popular são considerados práticas culturais estranhas à cultura do homem branco ocidental cristão.

Segundo Câmara (2013), podemos identificar três tipos de representações orais da região nordestina na obra de Jorge Amado consideradas poesias populares: a literatura de cordel, o repente e o ABC. Em *Mar Morto*, no capítulo: *Um navio ancorou no cais*, existe uma cena em que personagens se enfrentam numa luta de capoeira, mas no ritmo de uma cantiga denominada de embolada:

No mercado cantam. / É um grupo de marinheiros e carregadores.

No meio um mulato dança e canta:

Sou mulato e não nego / Ai, meu Deus, de mim tem pena!

Embora eu queira negá, / Meu cabelo me condena. (. . .)

Inda querendo sê branco / O cabelo me crimina... (AMADO, 2012, p. 88)

Viana (2009) ressalta que é neste espaço físico – singular e plural – que Jorge Amado retrata, em sua obra, personagens que representam o povo da Bahia. É nessa representação, para Vieira, que o homem brasileiro ganha destaque juntamente com o regionalismo que não tinha tanta importância na literatura brasileira. Dessa maneira, as personagens ganham uma relevância social e natural porque representam, pela pena de Jorge Amado, o povo brasileiro com seus costumes e crenças.

³ [Tio de Guma que] conhece as histórias daquelas águas, daquelas festas de Janaína, daqueles naufrágios e temporais. (AMADO, 2012, p. 25)

Nesse sentido, Viana (2009) salienta que os escritores nordestinos que vivenciaram a passagem de um nordeste medieval para uma realidade nova – capitalista e imperialista – merecem destaque primordial. Dentre eles, para esse pesquisador, encontra-se Jorge Amado que se manifestou no prefácio do seu romance *São Jorge de Ilhéus*:

Em verdade este romance e o anterior “Terras do sem-fim”, formam uma única história: a das terras do cacau no sul da Bahia. Nesses dois livros tentei fixar, com imparcialidade e paixão, o drama da economia cacauceira, a conquista da terra pelos coronéis feudais no princípio do século, a passagem das terras para as mãos aviadas dos exportadores nos dias de ontem. E se o drama da conquista feudal é épico e o da conquista imperialista é apenas mesquinho, não cabe culpa ao romancista (AMADO, 1982, p. 8).

Ainda de acordo com Viana (2009), como representante do regionalismo brasileiro baiano da zona rural do cacau e da zona urbana de Salvador, Jorge Amado tinha como preocupação fixar os tipos marginalizados da sociedade para, assim, analisá-la. Em sua vasta obra, nos dizeres desse teórico, é nítida a presença marcante da linguagem coloquial do povo brasileiro, em especial, do povo baiano.

Tal fato, para Viana (2009), lhe rendeu críticas dos mais puristas – sujeitos que se opõem a mudanças – devido às marcas de lirismo e postura ideológica adotada por ele em seus romances. Cabe ressaltar que Jorge Amado nunca fez segredo sobre sua posição política, de homem público e de escritor, pois além de dedicar livros a Luís Carlos Prestes, escreveu, também, a biografia desse grande líder do comunismo brasileiro (VIANA, 2009).

Dessa maneira, segundo Viana (2009), a obra de Jorge Amado exhibe o sertão baiano com suas belezas, sua cultura, suas peculiaridades e mazelas pelo fato de ele ter empreendido sozinho em longa viagem pelos sertões, deixando de estudar no Colégio Antônio Vieira no ano de 1924.

Notamos que a viagem realizada por todo o sertão baiano, rendeu-lhe frutos positivos que, o fez redigir inúmeras obras cujo *corpus* retratou a vida coletiva de todos os povos do nordeste baiano com destaque para sua cultura linguística, suas danças, suas culinárias, suas religiosidades como maneira de valorizar a sociedade mais vulnerável. A partir daí, ele conquistou a confiança e a fidelidade de seus eternos leitores e admiradores.

Jorge: de Literato amado a um Obá de Xangô

De acordo com Viana (2009), o caráter inventivo e de comunicação tornou Jorge Amado o maior romancista baiano e um dos maiores escritores/romancistas brasileiros de todos os tempos. Sendo, assim, um dos grandes ficcionistas universais do momento. Nesse sentido, para Prandi (2009), quem lê os seus livros vai encontrar, também, alusões à religião afro-brasileira dos orixás (deuses africanos). Religião denominada de candomblé que

Se formou no Brasil no século XIX e esteve até os anos 1960, mais ou menos, restrito à Bahia, especialmente a Salvador e cidades do Recôncavo Baiano. Depois disso, foi se tornando mais conhecido e se espalhou por todo o país. Hoje está presente também em outros países, como Argentina, Uruguai, Portugal, Itália. (PRANDI, 2009, p. 47)

O candomblé é considerado mais que uma religião, porque tem influenciado a cultura brasileira na culinária, na dança, na música, no teatro, na televisão, nos enredos de escolas de samba, na estética, nos hábitos e valores que extravasaram dos terreiros para a cultura não religiosa.

Terreiro de candomblé é o nome que se dá ao templo de candomblé e de outras religiões afro-brasileiras. Nos primeiros tempos, os rituais eram celebrados no quintal de alguma edificação urbana ou numa roça afastada, isto é, no terreiro, ao ar livre. Depois, passou-se a construir um barracão coberto de sapê onde se realizavam as danças sagradas, cômodos para abrigar os altares dos orixás e a clausura, onde se fazem as iniciações secretas. Esse conjunto é chamado ainda hoje de terreiro. O local das danças cerimoniais, do mesmo modo, é denominado barracão, embora seja agora um salão de alvenaria, como as demais dependências. Em Iorubá, uma das línguas rituais do candomblé, o templo ou terreiro é chamado de ilê axé (PRANDI, 2009, p. 47).

Segundo Prandi (2009), a obra de Jorge Amado contribuiu decisivamente para a divulgação e valorização do candomblé, juntamente, com três estrangeiros comprometidos com a cultura e sociedade brasileira: Verger, Bastide e Carybé. O primeiro – fotógrafo e etnógrafo, o segundo – sociólogo e o terceiro – artista plástico.

De acordo com Prandi (2009), os três, juntos com Jorge Amado, possuíam uma grande familiaridade com o candomblé que acabou rendendo a eles uma valorosa inspiração para a produção de suas obras – literária, artística e científica. Isso lhes rendeu, títulos de reconhecimento – cargos honoríficos, por parte da religião dos orixás, que são conferidos a seus grandes amigos e protetores.

Ainda moço, Jorge Amado recebeu de pai Procópio, do terreiro do Ogunjá, seu primeiro título no candomblé, o de **ogã**. Depois vieram outros. No candomblé Axé Opô Afonjá, fundado na primeira década do século XX pela mãe de santo Aninha Obabií (Eugênia Ana dos Santos), Jorge Amado ocupou uma das doze cadeiras do conselho dos **obás** de Xangô, orixá a que esse terreiro é consagrado. Esses títulos são vitalícios e Jorge Amado muito se orgulhava deles, dizendo ser um obá antes mesmo de ser um literato (PRANDI, 2009, p. 47-48).

Ainda de acordo com Prandi (2009), as pessoas que possuíam uma admiração e respeito pela sociedade recebiam dos terreiros de candomblé o título de Ogã⁴, ou protetor, porque eles tinham uma grande visibilidade social e eram considerados amigos e protetores dos terreiros.

Além desse cargo, há o que é intitulado de obá, também conferido a Jorge Amado e outras personalidades da sociedade. Segundo Prandi (2009), os obás fazem parte de um conselho de ministros que ajudam as mães de santo a administrarem o terreiro. Assim, Jorge Amado seria um desses Obás de Xangô que,

Por escolha de Mãe Senhora, foi designado Obá Otum Arolu. Obá, como entendia Jorge, é alguém que o povo ama e respeita. Um respeito à baiana, como ressaltava, “sem submissão e com intimidade”, e explicava dizendo: quando visto na rua, ninguém se referia a ele como senhor, doutor, mestre ou professor. Era Jorge, às vezes até Jorginho. Nas doze cadeiras de obá, outros amigos seus se distribuíam (AGUIAR, 2018, p. 453-454).

Na obra de Jorge Amado, o candomblé, segundo Prandi (2009, p. 48), “compõe o cotidiano dos personagens com a mesma força e naturalidade que podemos sentir no contato com gente do lugar”. Dessa maneira, a religião na Bahia e em Jorge Amado não se separa do mundo real, porque esse mundo se mostra místico, cheio de mistério, segredo e magia.

⁴ Senhor. Chefe. Auxiliar das sessões e protetor de Terreiros. Qualquer pessoa pode ser Ogã, desde que tenha feito jus a esse título com relevantes serviços prestados ao Terreiro, ficando essa escolha condicionada à aprovação do Guia Espiritual do Terreiro. (PINTO, 1971, p. 134)

Assim, ele é, nos dizeres de Prandi, sincrético, como é sincrético o estado da Bahia – considerado personagem principal de suas obras, pois segundo Aguiar (2018), ele considerava um absurdo setores do movimento negro negar o sincretismo. Uma vez que afirmava que não se pode determinar o fim das coisas, porque no seu entender a religião que a cada dia ganhava mais adeptos e terreno era a Umbanda⁵, uma religião considerada a mais brasileira de todas, segundo Aguiar. Assim, ressaltava que

O avanço de religiões afro-brasileiras não impedia que todos se declarassem católicos. Lembrava que os ciclos do calendário do candomblé começam com uma cerimônia na igreja. Não seriam posições neutras; tal independência tinha potencial para causar controvérsia entre brancos, negros, conservadores e progressistas (AGUIAR, 2018, p. 460).

Por isso, segundo Prandi (2009), ele tratava todos os terreiros de candomblé como importantes independente de sua nação, pois misturava todas. No enredo de seus romances: *Jubiabá* (1935), *Tenda dos Milagres* (1969), *Mar Morto* (1936) e outros, ele trouxe o cotidiano da comunidade local baiana para o universo literário e artístico, em que os santos católicos se confundem ou se misturam com os orixás, dando, assim, origem ao chamado sincretismo religioso que foi

Um mecanismo cultural decisivo para a reconstituição das religiões africanas no Brasil. A própria palavra “santo” serviu de tradução para “orixá”, inclusive nos termos “mãe de santo”, “filho de santo”, “povo de santo” e outras palavras compostas em que originalmente a palavra africana era orixá. E esse santo é o santo católico. (PRANDI, 2009, p. 50)

Cegalla (2008) corrobora dizendo que o sincretismo religioso é uma mistura de doutrinas religiosas, ou seja, concepções heterogêneas. Entendemos como concepções heterogêneas o culto aos santos da doutrina católica – o catolicismo – e o culto aos orixás denominado de candomblé. Por meio desse sincretismo religioso, os orixás passaram a ser cultuados, louvados e identificados com os santos católicos em seus terreiros, pois os negros escravizados não podiam cultuar a sua religião devido ao cristianismo imposto pelo colonizador.

A partir daí, aconteceu essa associação de seus deuses/orixás com os santos da religião do homem branco constituindo o candomblé, que segundo Prandi (2009), se formou e transformou no contexto social e cultural do catolicismo brasileiro do século XIX, cujos seguidores em seus primeiros tempos, eram também os católicos e os rituais realizados no terreiro eram contemplados por cerimônias realizadas na igreja.

De acordo com Prandi (2009, p. 50): “Antes da primeira constituição republicana brasileira, de 1891, o catolicismo era a religião oficial do Estado e a única tolerada”. Isso significa que os atos civis eram de responsabilidade da igreja católica. Quem era brasileiro deveria ser católico, caso contrário não teria lugar na sociedade. Até os negros nascidos ou não no Brasil, deveriam ser batizados na doutrina cristã católica (PRANDI, 2009).

Segundo Carvalho (2013), a partir de Freyre (2004), essa condição imposta pelo homem branco colonizador e aceita ao negro escravizado, vem indicar a imposição de uma cultura sobre a outra, isto é, colocar a religião católica como superior em relação às religiões africanas. Porém, ainda de acordo com as teorias dessa pesquisadora, a aceitação do negro pelo batismo, não significava que ele teria se convertido à religião do colonizador, era apenas uma estratégia para ele gozar de privilégios concedidos aos negros batizados, pois quando estava longe da casa do homem branco, o escravo cultuava os seus deuses. A obra de Jorge Amado: *O compadre de Ogum* (1964), vem evidenciar que

O batizado de uma criança parece coisa muito simples, vai-se ver e não é, implica todo um complicado processo. Não é

⁵ Resultante da combinação de catolicismo, kardecismo e religiões de matrizes negras e indígenas. (AGUIAR, 2018, p. 460)

só pegar o menino, juntar uns conhecidos, tocar-se o bando para a primeira igreja, falar com o padre e pronto. Se fosse só isso, não seria problema. Mas é necessário escolher, com antecedência, o padre e a igreja, levando-se em conta as devoções e obrigações dos pais e da própria criança, os orixás e encantados aos quais estão ligados, é necessário preparar as roupas para o dia, escolher os padrinhos, dar uma festinha para os amigos, arranjar dinheiro para consideráveis despesas. Trata-se de tarefa árdua, pesada responsabilidade. (AMADO, 2012, p. 14)

Anos mais tarde, Prandi (2009) salienta que o candomblé se tornou uma religião autônoma, ou seja, separada do catolicismo. Mas o sincretismo, segundo esse autor, continuou persistente na maioria dos terreiros que possuíam um altar com imagens de santos católicos. Esse altar com essas imagens serviu de disfarce para as pessoas que ali se encontravam se afirmarem católicas, pois o candomblé sofreu muitas perseguições de autoridades do governo como a polícia e a imprensa que produzia páginas odiosas contra a religião dos orixás, nos dizeres de Prandi. Todo esse ódio e essas perseguições que essas autoridades governamentais praticavam à religião do candomblé era porque a consideravam

Uma praga prejudicial ao Brasil que devia ser erradicada. O preconceito racial, que considerava o negro africano um ser inferior ao homem branco, se desdobrou em preconceito contra a religião fundada por negros livres e escravos. Ao longo de mais de um século, em diferentes partes do país, terreiros foram invadidos, depredados e fechados, pais e filhos de santo, presos, objetos sagrados, profanados, apreendidos e destruídos. Isso obrigou o candomblé a se esconder, buscando lugares distantes, às vezes no meio do mato, para poder realizar suas cerimônias em paz. Transformou-se numa religião de muitos segredos, pois tudo tinha que ocultar dos olhares impiedosos da sociedade branca. (PRANDI, 2009, p. 51)

A perseguição religiosa está presente na trama do romance: *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado. Perseguição manifestada pelo personagem Pedrito Gordo – o delegado, que segundo Reginaldo Prandi (2009, p. 52) “é uma referência a Pedro Gordilho, policial verídico que entrou para a história como perseguidor inclemente dos terreiros de candomblé”.

Quando a polícia invadiu o candomblé de Procópio, Pedro Archanjo foi herói de três brochuras de trovas e elogios, todas elas avidamente disputadas pelos leitores, o povo pobre dos mercados e becos, das oficinas e tendas. Cardozinho Bem-te-vi, o “cantador romântico”, abandonou os temas de amor, seu forte, para escrever “O encontro do delegado Pedrito com Pedro Archanjo no terreiro de Procópio”, título longo e aliciante. Na capa do folheto de Lucindo Formiga, “A derrota de Pedrito Gordo para mestre Archanjo”, vê-se o delegado Pedrito a recuar com medo: um passo para trás, o rebenque no chão e em sua frente erguido, sem armas, Pedro Archanjo. O maior sucesso coube, porém, a Durval Pimenta com o sensacional “Pedro Archanjo enfrenta a fera da polícia”, uma epopeia. (AMADO, 2010, p. 127)

Apesar das perseguições sofridas, segundo teorias de Prandi (2009), os adeptos e seguidores do candomblé, nunca deixaram de acreditar que os orixás/encantados (nos dizeres de Jorge Amado) são deuses que governam o mundo. Cada um com sua parte, ou seja, cuidando do que lhe é encarregado. É o trabalho divino organizado.

Cabe-nos, também, informar que de acordo com Glauber Cruz (2018), Jorge Amado, enquanto deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB-SP) nos anos de 1946 a 1948,

foi o autor responsável pela Emenda Constitucional de número 3.218 à Constituição Brasileira de 1946, favorável à liberdade de culto religioso no país. A lei tratava de que cada cidadão pudesse exercer livremente a sua crença religiosa.

Amado enfrentou resistência do próprio Partido Comunista Brasileiro (PCB) que via a religiosidade como forma de manipulação da população. Porém, o literato/autor/escritor baiano considerou a relação direta que tinha com as religiões de matriz africana e as violências que elas sofriam pelo governo e pela população. Esta Emenda proposta por Jorge Amado, mais tarde se transformou no Capítulo II – dos direitos e das garantias individuais, artigo 141, parágrafo 7º da Constituição Federal Brasileira de 1946.

Atualmente, essa liberdade de exercermos a nossa crença religiosa se encontra assegurada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 conforme redação do Título II: dos direitos e garantias fundamentais, Capítulo I: dos direitos e deveres individuais e coletivos, artigo 5º no seguinte termo: “VI- é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (BRASIL, 1988).

Foi dessa maneira, que Jorge Amado deu ênfase e destaque a temáticas que não eram abordadas com a mesma relevância e engajamento social na literatura brasileira antes do surgimento da escola denominada Modernismo. Escola literária que surgiu no século XX, após o pré-modernismo, e que tinha o intuito de quebrar com os padrões tradicionais vigentes e inovar, dar uma nova roupagem à literatura brasileira, construindo uma literatura intertextual. Ousamos afirmar que essa intertextualidade literária foi um movimento literário que fez surgir o “pós-estruturalismo que não há uma divisão clara entre “crítica” e “criação”: ambos os modos estão compreendidos na “escrita” como tal” (EAGLETON, 2006, p. 210).

Segundo Veiga (2013) no romance *Mar Morto*, por exemplo, identificamos atividades desenvolvidas, na cidade da Bahia, perpassadas por ações secundárias acontecidas e/ou realizadas pelas personagens criadas, nessa obra, relacionadas ao contexto do Recôncavo⁶ baiano. Dessa maneira, destacamos que Jorge Amado transferiu a vida real – vivida pela comunidade baiana – para o papel, por meio da construção de personagens ricas, populares e representantes da comunidade local considerada esquecida e marginalizada pelo país.

Para o pesquisador Veiga (2013), Jorge Amado “transformou” esses “esquecidos” em heróis, em suas obras. Ele foi um autor com visão crítica que começou a evidenciar algo que sempre foi percebido e notado, mas que não tinha valor para ser considerado e destacado. Assim, ele dizia: “na literatura e na vida, sinto-me cada vez mais distante dos líderes e dos heróis, mais perto daqueles que todos os regimes e todas as sociedades desprezam, repelem e condenam” (AMADO, 2001, p. 56 apud VEIGA, 2013, p. 37).

Nesse sentido, afirmamos que ele foi um autor que, de fato, soube utilizar a sua veia literária a favor das classes de maior vulnerabilidade sociocultural. Ele utilizou da escritura para dar um “grito” de liberdade, para ser o porta-voz dessa sociedade (des)favorecida, esquecida e excluída. Ele foi um autor que se preocupou com o bem-estar de todos os seres humanos existentes nessa imensidão de (des)igualdades que predomina nesse país.

Jorge Amado nos espaços, cenários e lugares de fala dos desprezados por todos os regimes e sociedades

Ao se preocupar e se aproximar daqueles que todos os regimes e sociedades repelem, desprezam e condenam, uma publicação de Veiga (2013, p. 31) afirma que “na literatura amadiana, em sua parte centrada na cidade da Bahia, toda uma inferência contextual cidadina mostra seus traços, suas cores, seus cheiros, e seus sabores, que irão, própria ou impropriamente, definir certo clima de localidade”, pois Jorge Amado preocupou-se em mostrar uma urbe degradada, do período de 1930 e 1945, quando, por exemplo, algumas de suas ficções mostram as (des)igualdades existentes na capital baiana, dividida entre a cidade alta e baixa, modulada na fórmula do colonialismo português.

Segundo Veiga (2013), a desigualdade e o preconceito existentes na cidade da Bahia são

⁶ Pequena baía. (CEGALLA, 2008, p. 731)

grandes e evidenciados na distribuição dos espaços pela falta de planejamento. Isso evidencia o quanto a população ficou submissa às questões não democráticas desde o início da colonização. Por isso, para esse pesquisador, Jorge Amado vem enfatizar esses espaços, cenários de destruição e/ou ruínas no setor urbano, no período, em que a Bahia ficou esquecida quando as decisões políticas foram transferidas para o Rio de Janeiro, no século XVIII. Como exemplo, Veiga cita o pelourinho, a zona de comércio e outros espaços entregues ao desleixo da arquitetura que serve de residência aos desabrigados, aos marginalizados e ao prostíbulo mais aviltante ou depressor, assim como é descrita na cena:

Os sobradões te esperam. Os azulejos provêm de Portugal e desbotam hoje ainda mais belos. Lá dentro a miséria murmura pelas escadas onde os ratos correm, pelos quartos imundos. As pedras com que os escravos calçaram as ruas, quando o sol as ilumina ao meio-dia, têm laivos de sangue. Sangue de escravo que correu sobre essas pedras nos dias de ontem. Nos casarões moravam os senhores de engenho. Agora são os cortiços mais abjetos do mundo. (AMADO, 1996, p. 12 apud VEIGA, 2013, p. 32).

É nesse contexto, para Veiga (2013), que Jorge Amado escreveu com muita seriedade sobre os povos negros e pobres da Bahia que vão perpassar toda a sua obra. Nesse sentido, a cidade da Bahia presente na obra de Jorge Amado, “trata-se de um problema de construção de persona, amostragem do escritor enquanto indivíduo e artista” (VEIGA, 2013, p. 38).

Persona é um arquétipo na psicologia analítica de Jung. “É algo acessório à nossa essência individual” (GLAUCO, 1988, p. 63 apud VEIGA, 2013, p. 38). Essência que, segundo Veiga (2013), Jorge Amado soube muito bem evidenciar em seus livros e/ou romances, sendo ele um baiano e cidadão do mundo que vivenciou todo o sentir da baianidade como ele próprio afirma a uma leitora sobre romances e personagens:

Só o conhecimento vivido, o conhecimento de dentro para fora, aquele que não é aprendido nos livros nem na fria observação do fino repórter de faro infalível, só aquele conhecimento que se viveu dia a dia, minuto a minuto, no erro e no acerto, na alegria e na tristeza, no desespero e na esperança, na luta e na dor, na gargalhada e no choro, na hora de nascer e na hora de morrer – só esse conhecimento possibilita a criação. (AMADO, 1972, p. 24 apud VEIGA, 2013, p. 39).

Jorge Amado enfatiza que, somente, participando e vivenciando o cotidiano das pessoas marginalizadas e excluídas socialmente, isto é, assumindo o lugar de fala delas, que se pode construir personagens de obras literárias com naturalidade perpassada por certa “verossimilhança”.

Assim, segundo Veiga (2013), ao fazer isso, percebe-se que o próprio autor encara a sua persona, porque ele estava empenhado em construir sua imagem pública reativando a leitura de uma cidade degradada por um viés sociológico. Dessa maneira, nos dizeres de Veiga, Jorge Amado vai ao encontro da baianidade para que todos os becos, as ladeiras e encruzilhadas de Salvador possam contribuir, ainda mais, para a construção de sua *persona*.

Nesse sentido, segundo Amaral (2013), falar de Jorge Amado, ou seja, do seu “sujeito” por meio de seus personagens e da construção desses personagens no seu campo imaginário, nos permite enquadrá-lo num momento histórico, familiar e social que relaciona a sua vida e a sua obra com toda a sua carreira de escritor. Isso ocorre porque sua vida e obra são férteis e ricas de detalhes enfocando temas sociais, culturais, dos negros e abandonados da Bahia, pois

as influências na infância e adolescência foram, como ele informa, fundamentais para sua vida e tudo que escreveu. Com um grande senso de observação, foi construindo seu mundo de escritor. Teve fortes influências dos pais, ressaltando a mãe como uma grande contadora de histórias. Busca-se ressaltar

aspectos de suas vivências, momento histórico em que viveu e as referências no seu processo criativo, seu transformar as imagens vividas em arte literária, a sua aventura de criação. (AMARAL, 2013, p. 43).

Amaral (2013) vem ressaltar que as experiências de vida de Jorge Amado construíram um indivíduo, seus personagens e um autor cheio de expressões ricas e grandiosas, sendo considerado um “idealista dentro de seu tempo” (AMARAL, 2013, p. 44) por ter abordado temas sobre a solidão, a miséria, a morte, o respeito às pessoas, mulheres, prostitutas ou não, jagunços, coronéis e pessoas fracas e oprimidas.

Assim, Aguiar (2018) relata que em uma de suas entrevistas ele afirmou que a personagem feminina que mais gostava era Lúvia, de *Mar Morto* e Dona Flor, de um romance que ainda iria ser publicado. Em seguida, foi questionado se a mulher, em suas narrativas, estava “se desfeminizando” (AGUIAR, 2018). Ele respondeu, segundo essa pesquisadora, que o mais correto era dizer: se modernizando porque a mulher era e é, até hoje, vítima de preconceitos. Portanto, ela estava se libertando dessas restrições, por isso a acusavam de masculinizar-se (AGUIAR, 2018). Dessa maneira, quando o perguntavam se ele fazia apologia do marginal e da prostituta, a resposta era:

“Sempre fiz apologia do marginal e da prostituta, não da prostituição ou do marginalismo”. Um pouco mais irritado, dizia: “Não dou a mínima importância ao recalque dos críticos, já estou sem idade de me preocupar com isso”. Repetia que pensava “por sua própria cabeça”. (AGUIAR, 2018, p. 462-463)

Nesse sentido, Aguiar (2018) afirma que Jorge Amado dizia que a sua temática sempre foi social. O seu caráter de denúncia e crítica sociocultural tornaram-se cada vez mais profundos, mais complexos, menos primários. E ele dizia ser um escritor do povo, isto é, comprometido com o povo brasileiro, porque é para esse povo que sempre afirmava escrever, pois tudo que aprendeu foi com eles. Assim, é por meio dos livros que ele devolveva ou os restituía o aprendizado adquirido, segundo Aguiar.

Além desses assuntos, Amaral (2013) diz que toda a sua novelística era pautada em questões religiosas, sociais, romantismo e poesia, pois suas obras propõem, também, uma integração de sentimentos, de história de vida, e uma análise aliada a toda a sua trajetória enquanto autor, com o intuito de nos informar a sua grande capacidade de integração ligada à sua capacidade de criação.

Nesse sentido, segundo Aguiar (2018), a sua identificação com o personagem Archanjo⁷ era muito grande, porque de todos os personagens que ele criou, esse seria o seu alter ego, pois mesmo quando o indagavam como podia um ateu se aproximar de tanto mistério, ele simplesmente dizia que o seu materialismo não o limitava.

Considerações Finais

Jorge Amado foi um autor que misturava suas experiências de vida e observação do cotidiano popular para a criação e construção de seus personagens. Como grande admirador de Oswald de Andrade (1890-1954), tornou-se seu amigo, pois conjugava dos mesmos ideais de construção de uma literatura nacional desvinculada dos moldes europeus.

A partir daí, segundo Amaral (2013), sua luta por uma identidade nacional realizada primeiramente na cultura foi consequência de ter sido muito participativo em grupos literários, de partidos políticos e de intelectuais de diferentes ordens: liberais, católicas e esquerda, desde a faculdade de Direito. A participação nesses grupos, despertou-lhe o interesse pela questão da identidade nacional que habita toda a sua produção literária (AMARAL, 2013). A sua grande formação intelectual irascível, agitada e efervescente, da década de 1930, aguçou a

7 [Personagem da obra *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado]. Bedel da faculdade de Medicina, negro, pobre e favelado, derrota num embate intelectual, o professor Nilo Argolo. (CARVALHO, 2013, p. 20, grifos do autor)

sua característica de bom observador [que] marca em seus personagens a necessidade de pensar a si mesmo, de retornar ao passado, buscar suas origens, rituais, evolução e cultura, para através do resgate da história pessoal e social e da recuperação de imagens ir em direção ao futuro; a busca não só de uma identidade nacional, mas também pessoal. (AMARAL, 2013, p. 53)

Todas essas ideias perpassam a sua obra, pois como bom observador, destacou as discussões de gênero, etnia, religiosidade, a questão do negro, dos rituais do candomblé, da cultura e a necessidade de resgatar a construção de sua identidade, em obras como: *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), entre outras. Foi dessa maneira que ele escreveu as suas histórias que falavam de um público, uma comunidade ou uma sociedade que almejava e almeja, até hoje, a liberdade de poder desfrutar dos mesmos direitos que todos desfrutam independentemente da etnia, da religiosidade, do gênero e classe social que ocupam. Haja vista que, a sua literatura evidencia com toda certeza a subjetividade de uma sociedade que continua em revolução e resistência permanentes.

Ele foi um grande escritor comprometido com questões que não eram percebidas e nem visibilizadas, ou melhor dizendo, questões que eram ignoradas pelos políticos e escritores que não se comprometiam em utilizar a literatura para denunciar as desigualdades existentes no país e vivenciadas pelo povo que não tinha sequer o direito e acesso à literatura considerada erudita.

Segundo Eagleton (2006), a falta de acesso a essa literatura considerada erudita foi responsabilidade de um determinado grupo de escritores que conferiu aos estudos literários um tom elitista impregnado pela ideia de que, somente, aqueles que possuem uma formação cultural podem apreciar das obras literárias.

Nesse sentido, Eagleton (2006) enfatiza que quando tentaram definir um conceito particular para a literatura, considerando-a uma escrita imaginária, fictícia, que não é verdadeira, que utiliza ou emprega uma linguagem peculiar; que tudo isso é algo equivocado porque a teoria literária abriu as portas para que outros autores pudessem discutir livremente assuntos diferenciados em suas obras literárias, isto é, assuntos que caracterizam uma literatura acessível a todos e a todas, pois a teoria literária é democrática.

Por isso, com o surgimento do pós-estruturalismo, a obra torna-se aberta de significação e de ideias, cuja função é tornar a realidade social natural, é pensar no contexto ideológico e não negar a história, haja vista que, o pós-estruturalismo é um estilo de pensamento que abrange operações desconstrutivas de oposições binárias.

Isso nos permite enfatizar que Jorge Amado foi o grande responsável pela luta em normatizar e defender, mais uma vez, as minorias contribuindo para o respeito e valorização do candomblé. Ele era considerado um homem além de seu tempo. Ser humano dotado de humanidade, dignidade e solidariedade pelo seu povo, pois utilizou de sua habilidade considerada nata, enquanto escritor, para falar por meio de suas produções artísticas e literárias das injustiças sociais que estavam acontecendo com as minorias e, enquanto político aliou ao seu talento de escritura e lutou contra a intolerância religiosa dando a sua contribuição por meio de uma emenda constitucional que se tornou parte da Constituição Federal de 1946, e, que até hoje, a desfrutamos cultuando livremente, em nome de nossos ancestrais, qualquer dogma ou prática religiosa.

Referências

AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado: Uma biografia**. São Paulo: Todavia, 2018.

AMADO, Jorge. **Mar morto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AMADO, Jorge. **Tereza Batista Cansada de Guerra**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

- AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AMADO, Jorge. **O compadre de Ogum**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AMARAL, Telma Maria Bernardes. O autor e a criação: Jorge Amado, o Exu da esperança. In: BIAGIO, D'Angelo; SILVA, Márcia Rios da. **Cacau, Vozes e Orixás na escrita de Jorge Amado**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 43 - 64.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Manual de Publicação da APA**. Tradução: Daniel Bueno. 6ª edição. Porto Alegre: Penso, 2012.
- BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1946. Disponibilidade em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: 08 mar. 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: 05 outubro de 1988. Disponibilidade em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/DOUconstituicao88.pdf. Acesso em: 08 mar. 2021.
- CÂMARA, Ricardo Pieretti. Oralidade e escrita na obra de Jorge Amado. In: BIAGIO, D'Angelo; SILVA, Márcia Rios da. **Cacau, Vozes e Orixás na escrita de Jorge Amado**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 95 - 115.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponibilidade em: <https://www.revistaprosaver-soearte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido/>. Acesso em: 24 mai. 2020.
- CARVALHO, Sueleny Ribeiro. **A identidade na fronteira deslizante dos estereótipos**. Jundiá: Paco Editorial, 2013.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CRUZ, Glauber. Humanista: Jornalismo e Direitos Humanos**. 9 de novembro de 2018. Disponibilidade em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/11/09/jorge-amado-emenda-liberdade-de-culto/>. Acesso em: 19 fev. 2020.
- DUARTE, E. A. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?** Tradução: Marcos Bagno; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LUCAS, F. A contribuição amadiana ao romance social brasileiro. **Cadernos de literatura brasileira – Jorge Amado**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, n. 3, mar. 1997.
- PRANDI, Reginaldo. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLD-

STEIN, Ilana Seltzer (org.). **Caderno de leituras: O universo de Jorge Amado - Orientações para o trabalho em sala de aula**. Salvador: Companhia das letras, 2009. Disponibilidade em: <http://www.jorgeamado.com.br/professores.php>. Acesso em: 09 fev. 2021. p. 46 - 57.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

VEIGA, Benedito. Jorge, o filho amado da cidade da Bahia. In: BIAGIO, D'Angelo; SILVA, Márcia Rios da. **Cacau, Vozes e Orixás na escrita de Jorge Amado**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

VIANA, Francisco Roberto de Oliveira. **A figura feminina na obra de Jorge Amado: Tereza Batista Cansada de Guerra**. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Língua Portuguesa da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ, em Aracati - CE. Julho, 2009. Disponibilidade em: <http://blogdotinocoluna.blogspot.com/2009/07/tereza-batista-cansada-de-guerra.html>. Acesso em: 09 fev. 2020.

Recebido em 28 de março de 2021.

Aceito em 20 de agosto de 2021.